

NOTAS ECONÓMICAS

2

ALBERT O. HIRSCHMAN A RETÓRICA DA INTRANSIGÊNCIA — DOIS ANOS DEPOIS

JOSÉ VEIGA TORRES A VIDA FINANCEIRA DO CONSELHO GERAL DO SANTO OFÍCIO DA INQUISIÇÃO

PEDRO NOGUEIRA RAMOS LE RÔLE DU CRÉDIT DANS LES MODÈLES MACROÉCONOMIQUES

CONSTANTINO REI/JOÃO LISBOA DIMENSÃO E DESEMPENHO DAS EMPRESAS INDUSTRIAIS PORTUGUESAS

JAIME FERREIRA O CINEMA — DOCUMENTÁRIO E FICÇÃO — COMO DOCUMENTO E DISCURSO HISTÓRICO

AMADEU LOPES SABINO O TRATADO DE MAASTRICHT NA CONSTITUIÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA

FERNANDO FREIRE DE SOUSA PARA ALÉM DOS DOGMAS: REFLEXÕES SOBRE O LIBERALISMO E A ECONOMIA

REVISTA DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ISSN 0872-4733 / OUTUBRO '93 / Nº 1



Círculo FEUC

Círculo FEUC continua neste número a dar conta de acontecimentos significativos da vida da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Em ano de comemorações do 20º aniversário encontramos aqui, muito naturalmente, os ecos de iniciativas com que estamos a assinalar esta data.

O Doutoramento *Honoris Causa* de Albert O. Hirschman, em 25 de Abril do ano corrente, integrado nas nossas *Jornadas*, foi um momento importante, em que prestámos o nosso tributo a um dos nomes grandes da ciência económica e em que, trazendo-o à nossa vida académica, nos revemos nas perspectivas abertas e plurais com que trabalhamos.

O facto de Albert O. Hirschman ter sido apadrinhado pelo Prof. Doutor António Simões Lopes assinalou, entre muitos outros motivos de reconhecimento, o nosso respeito perante um professor ilustre que nestas duas décadas tem tido o seu nome associado à vida desta Faculdade.

Publicam-se em *Círculo FEUC* a alocução de A. O. Hirschman e as orações de elogio do Doutorando e do Apresentante que foram, proferidas, respectivamente, pelos Prof. Doutor José Reis e Henriques Albergaria.

Pequeno Discurso para Coimbra

Albert O. Hirschman

Uns anos atrás um amigo meu soube que eu iria receber um título honorário e comentou: “Claro, isto é o seu *Erntezeit*”. Esta palavra alemã, que significa “hora de colher os frutos”, pareceu-me uma metáfora peculiar. Quando escrevi os livros ou os artigos pelos quais presumivelmente me estão a homenagear hoje, nunca pensei nestas cerimónias como uma forma de recompensa pelos meus esforços. Elas não podem ser comparadas com os frutos colhidos pelo agricultor como resultado do seu trabalho sistemático ao longo do todo o ano.

Por isso, procurei outra interpretação destas ocasiões e notei que, pelo menos as homenagens europeias, constituíam um padrão interessante. Os títulos que recebi fazem-me lembrar, com notável fidelidade, a minha peregrinação involuntária por muitos lugares durante oito longos anos, de 1933 a 1941: da minha cidade natal, Berlim, para França e de lá para Itália, depois de volta a França e seguidamente, via Espanha e Portugal, para a América. É talvez por causa deste padrão daí emergente que eu escrevi, para cada uma destas ocasiões, uma sucinta memória autobiográfica relatando o período que vivi nos respectivos lugares. Sempre resisti aos pedidos de amigos bem intencionados que achavam que eu deveria escrever uma autobiografia completa. Mas como essas homenagens académicas requeriam, como esta agora, que eu fizesse um “breve e elegante” discurso, achei que poderia usá-los para relatar algum episódio significativo. Quando reunidos talvez possam revelar uma história mais ou menos completa.

Permitam-me por um breve momento relembrar essas ocasiões anteriores.

Do meu nascimento, em 1915, até à minha emigração, em 1933, vivi em Berlim e quando a Freie Universität daquela cidade me conferiu um título honorário cinco anos atrás, eu contei uma história da minha infância ou dos primeiros anos da minha adolescência ... como um dia fiquei sabendo, para minha grande surpresa e desapontamento, que meu pai não tinha o que eu então pensava ser uma necessidade básica para qualquer pessoa ... uma *Weltanschauung*! O resto da minha vida e das minhas ideias poderiam provavelmente ser escritos

em termos da minha gradual descoberta de quanto o meu pai estava certo.

Depois de ter mudado de Berlim para Paris, em 1933, tive problemas ao decidir como retomar os estudos começados em Berlim. Hesitei, particularmente, entre a Ecole des Sciences Politiques (*Sciences Po*) e a Ecole des Hautes Etudes Commerciales (H.E.C.). Finalmente escolhi H.E.C. Quando *Sciences Po* me conferiu um título honorário em 1989, pude então contar como tinha decidido ir para H.E.C. Através de uma série de acontecimentos improváveis encontrei, no começo de 1933, o jovem Michel Debré, que mais tarde se tornou primeiro ministro de de Gaulle. Naquela época, ele estava a começar os seus estudos em *Sciences Po*, mas tendo em vista a minha condição de refugiado, aconselhou-me com bastante convicção — e aos 21 anos de idade ele já era cheio de autoridade — que eu fosse para H.E.C., uma escola que me prepararia mais para o sector privado do que para a vida pública. Portanto, a atribuição do doutoramento permitiu-me agradecer a *Sciences Po* haver-me finalmente aberto os seus portões.

A minha paragem seguinte, durante os anos trinta, foi Itália. Fui de Paris para Trieste em 1936, onde fiquei dois anos continuando os meus estudos e dando, de vez em quando, uma ajuda ao meu cunhado italiano Eugenio Colorni que, além de ensinar filosofia, era um activo antifascista. Portanto, quando a Universidade de Turim me conferiu um título em 1987, contei a história da minha estadia em 1936-38 e de como eu admirava o meu cunhado e os seus amigos porque combinavam o seu activismo político com a prática contínua da dúvida sistemática e que, ao contrário de muitos outros militantes, nunca estavam convencidos de que tinham todas as respostas sobre política ou qualquer outro assunto.

E agora Portugal e Coimbra. Posso contar uma história de como o vosso país ou, mais em geral, a Península Ibérica tocou a minha vida? Isso leva-me de volta a uns dos mais sombrios períodos do nosso sombrio século, a segunda metade de 1940 depois do colapso da França e quando o exército de Hitler dominava a maior parte da Europa. Durante aquele período, depois de ter tido baixa do exército francês, afortunadamente logrando assumir uma identidade francesa, fui para Marselha onde me tornei o assistente principal de Varian Fry, um excepcional jovem americano chegado de Nova Iorque com a missão de ajudar a emigração para os Estados Unidos dos antinazistas que viviam na parte

não ocupada da França e que corriam perigo de vida: proeminentes escritores, artistas, jornalistas e militantes políticos.

O meu trabalho para Varian Fry e o *comité* que ele estabeleceu em Marselha incluía um grande número de actividades que despertou — compreensivelmente, tenho de admitir — as suspeitas da polícia do regime de Vichy. Assim, em Dezembro de 1940, decidi que a hora havia chegado para que eu escapasse pelo caminho que havia ajudado a organizar. Esse caminho ia por Espanha e Portugal para aqueles a quem as autoridades consulares destes dois países haviam concedido um visto de trânsito. Como outros, recebi esse visto porque me tinha sido concedido um visto de imigração pelos Estados Unidos. O problema foi que as autoridades de Vichy não emitiam nenhum visto de saída para estrangeiros que vivessem em França. Portanto, para sair de França foi necessário fazê-lo ilegalmente, caminhando pelas montanhas dos Pirinéus e evitando Cerbère, a cidade francesa perto da fronteira com Espanha, e prosseguindo depois imediatamente para Port-Bou, a cidade no limite da Espanha, para de lá fazer uma entrada legal em Espanha.

Ainda recordo bem, ter saído do porto mediterrânico francês de Banyuls, em 1940, com dois outros refugiados e termos sido ajudados inicialmente por um guia que nos levou por um atalho montanha acima. Depois de uma ou duas horas, o nosso guia informou-nos de que não podia acompanhar-nos mais, indicando a direcção que deveríamos seguir. Portanto, continuámos a peregrinar e finalmente avistámos, em baixo, uma cidade da costa mediterrânica. Seria já uma cidade de Espanha ou ainda estávamos em França? Na dúvida, perguntámos onde estávamos a um homem que ali guardava vacas. Assegurou-nos que já nos encontrávamos em Espanha e a cidade que havíamos visto era com certeza Port-Bou, nosso objectivo. Aliviado e agradecido, ofereci-lhe uma gorjeta, mas ele recusou categoricamente. Ainda lembro as suas palavras orgulhosas: “*Yo cuido mis vacas*”.

Isto tornou-se um gesto simbólico de muitas outras generosidades que, nos dias seguintes, recebi dos povos de Espanha e de Portugal. Passei rapidamente por Espanha que acabava de sair de uma longa e cruel guerra civil. Inúmeros traços seus contrastavam com a quase exasperante limpeza de Portugal. Ao chegar a este país, fiquei impressionado com a relativa abundância de

